

# A noite dividida

## Poemas de Sebastião Alba

O Diário 12/6/83  
supl. "Cultural" pág. 11.

### leitura de livros

Cipriano Justo

Os primeiros poemas de Sebastião Alba datam dos anos sessenta, década decisiva na viragem dos ventos de muitas histórias; é também dessa década a primeira recolha em livro da sua poesia, entretanto devorado na dissolução dos anos. O rigor e o bom gosto que se impunha na construção do discurso e na organização da metáfora eram os traços salientes que dominavam os seus poemas, e que relevavam, também, de uma particular e cuidadosa atenção ao que se produzia noutras latitudes, tanto no campo da produção teórica como poética.

A colecção Autores Moçambicanos das edições 70 teve, entre outros de igual monta, o mérito de revelar aos leitores portugueses este poeta que a par de José Craveirinha e Grabato Dias é certamente um dos autores mais representativos da poesia moçambicana que se escreve em português. Com dois títulos publicados, «O Ritmo do Preságio» e a «Noite Dividida», Sebastião Alba, na continuidade, da produção que

lhe conhecíamos, prossegue uma aventura poética tutelada pelo extremo lirismo da inventiva.

A Noite Dividida – «na mesma noite dividida ao meio/como se um lado reflectisse o outro – está subdividida em quatro livros com um número desigual de poemas – Livro I, 12 poemas, Livro II, 21 poemas, Livro III, 7 poemas e Livro IV, 15 poemas – onde as ressonâncias, heterogéneas, se inscrevem em intertextualidades várias mas assumidas como só as vozes originais o fazem: «quase tudo em mim é obra alheia/alguém exímio colocou/no pendor de elevados/textos as suas armadilhas». Passam explicitamente no livro algumas dessas vozes tutelares do discurso poético de Sebastião Alba incristas em epígrafes, demonstrativas de uma aculturação feita de várias iluminações à beira do Índico; referências que englobam Pablo Neruda, na vida e na morte, significativamente tutelando todo o livro, «No soy retor de nada/no dirijo/por eso atesoro/las equivocaciones de mi canto», e invocado num poema dedicado ao poeta Fonseca Amaral (ele próprio remetente do seu universo de referências) – «A 23 de Setembro de 1973/o condor cerrou na vigília/na plataforma em seu boné./O olhar dele era enfim-/desacorrentado de ver»; Jorge de Sena, «Como queiras, Amor, como tu queiras./De frágil que és, não poderás salvar-me», em epígrafe do Livro II; Fernando Pessoa-Ricardo Reis, «Só esta liberdade nos concedem os deuses: submetermo-nos/ao seu domínio por vontade nossa», em epígrafe do Livro III; Federico Garcia Lorca, «y las manos del hombre no tienen más sentido/que imitar a las raíces bajo tierra», em epígrafe do Livro IV.

Uma voz é feita da cinza de outras vozes mais um detonador que transporta o nome de língua/linguagem; em A



Noite Dividida a cinza que repassa todo discurso é simultaneamente um silêncio e a própria voz: a aproximação compreensiva aos textos faz-se também, e obrigatoriamente, através do filtro das suas referências, «Não sou anterior à escolha/ou nexo do ofício./Nada em mim começou por um acorde», ou seja, o conceito idealista de inspiração (acorde) é superado em favor do trabalho sobre a carga cultural, o contexto social, a língua, a linguagem – «Escrevo com saliva/e a fuligem da noite/no meio de mobília/inarrredável».

O canto como um equívoco, mas através de um desvio semântico que lhe confere a qualidade de poder ser abordado numa perspectiva de compromisso com o real; a salvação assume desta maneira a categoria de exigência libertadora. São nestas asserções, equívoco/real/salvação/liberdade/, inscritas nas epígrafes tutelares, que o livro de Sebastião Alba se pode resolver. Por outras palavras, é no equilíbrio entre a carga cultural e a linguagem, medi(a)da pelo contexto social, que estes poemas significam:

*Se há em mim alguma correlação entre as qualidades e os defeitos não a acho Se há que se anulem que é como quem diz: que se lixe*

*Mas a poesia ainda vive*

*esquimó das minhas esperas árticas*

*alvo da curiosidade à minha volta dêem-lhe na giba*

*Oh Álvaro  
na concha da minha paciência oceânica.*

(Lendo Álvaro de Campos)

Os nexos intertextuais são, neste caso, factores decisivos na construção do discurso porque, fazendo parte do real são-lhe a dimensão mítica e contaminam a equívocidade que o poeta reivindica para o seu canto.

A salvação procura-a o poeta no diálogo com os outros, os amigos, os irmãos, os filhos, os outros poetas, de uma forma cumulativa de livro para livro. Assim é que no poema dedicado a José Craveirinha o imperceptível apelo se faz pelo canto silencioso do afecto – «Gosto dos amigos/que modelam a vida/sem interferir muito;/os que apenas circulam/no hálito da fala/e apõem, de leve,/um desenho às coisas» – e no poema dedicado ao irmão Anton a relação intersubjectiva faz-se por um processo de lateralização que fixa nos filhos o objecto final do poema – «Quanto a nós/a demora na atenção/dada a nossos filhos/é ainda em memória tua». Via-gem através dos filhos, dos amigos, para alcançar outra liberdade, a que se inscreve indelevelmente nos sentidos.

A Noite Dividida é ainda uma sondagem ao interior do labirinto oficial onde o poeta está à vontade para falar de si, da precaridade dos seus materiais, do olhar sobre o perfil das coisas, das marcas que lhe vão ficando na carne de tanto (se) interrogar – «Não há uma vala para as palavras/decaídas,/um dicionário no inferno;/mas deixa-as vir à tona/da claridade,/e nada lhes insufles. Vê:/não suportando a beleza/que as circunda, abismam-se/em seu ridículo» ■